

"On ne peut étudier que ce qu'on a d'abord rêvé. La science se forme plutôt sur une rêverie que sur une expérience et il faut bien des expériences pour effacer les brumes du songe."

Gaston Bachelard

Todos aqueles que cursarem faculdade de psicologia ou de ciências humanas devem ter se deparado em algum momento com um texto, manual ou livro no qual a psicologia é definida como "a ciência que estuda o comportamento humano", ou com uma das seguintes afirmações: "o termo psicologia provém das palavras gregas *Psyché* (mente ou alma) e *Logos* (estudo)"; ou: "até o final do século XIX a psicologia constituía uma área de estudo pertencente à filosofia"; ou: "o primeiro laboratório experimental de psicologia foi construído por Wundt, em 1897, na cidade de Leipzig".

Contrariando a regra dos chavões acima, o autor Luiz Claudio Figueiredo, em *Psicologia - Uma Introdução* (EDUC, 1991), expõe de forma simples e direta as condições sócio-culturais que propiciaram o aparecimento de projetos de psicologia no final do século XIX. Dando continuidade a estas reflexões com a publicação de *A Invenção do Psicológico - Quatro Séculos de subjetivação*, em 1992, o autor se propõe a uma tarefa desafiadora e instigante: rastrear, circunscrever e delinear a proveniência do objeto desta ciência, tentando conhecer a conjuntura em que o "psicológico" se oferece como campo de saber, através de um fascinante passeio por um conjunto de textos que vão desde o final do século XV até o final do século XIX.

Para o autor, a história dos estudos psicológicos está entrelaçada à história da modernidade e às suas vicissitudes. Entende-se por modernidade um processo complexo que tem seu início no século XV, e que consiste numa lenta e incisiva sucessão de desilusões que levam o homem a deixar de se ver como centro do Universo. Seu efeito é a possibilidade de abertura para o outro,

Psicanálise: objeto natural ou metafórico

Resenha de Luís Claudio Figueiredo,
A Invenção do Psicológico, São Paulo, Escuta/Educ, 1992, 168 p.

com tudo o que isso possa representar de caótico e desestruturante.

Apesar de escritos como textos independentes, os capítulos parecem seguir um fio condutor claro: trata-se de pinçar, em textos de pensadores, músicos, filósofos, escritores e homens comuns, a forma pela qual a experiência da diversidade e da diferença vai solapando a crença em margens e fronteiras nítidas e em identidades estáveis, dando lugar ao vazio, à ausência de sentido, à ameaça de aniquilamento, elementos para a constituição da subjetividade moderna: essencialmente cindida.

Apesar de uma linha de pensamento evidente, o texto de Figueiredo surpreende e espanta, produzindo um prazer inusitado à medida que salta de Bacon a João de Barros, de Erasmo a Nietzsche, de Camões a Montaigne, Padre Antonio Vieira, Locke, John Stuart Mill. De forma ágil e desenvolvida, o autor elabora suas idéias a partir de uma ótica privilegiada que ele mesmo preconiza ser "um lugar-nenhum em que os saberes "psi", a história, a filosofia e as artes se encontram e se perdem no exercício do mero pensar" (pg. 168).

Poder-se-ia dizer que se trata de um texto essencialmente musical: a primeira impressão de cacofonia vai cedendo, à medida que autores e textos se sucedem e se coordenam, tal qual ritmos diferentes que se harmonizam sob a batuta perspicaz do regente. Isto leva o leitor-ouvinte a ir prevendo, antecipando e construindo em si a própria tese que o autor sustenta. Segundo ele, para que haja interesse em se conhecer o "psicológico", são necessárias duas condições básicas:

a) Uma experiência muito clara da subjetividade privada, em que o sujeito se possa ver livre, independente, capaz de desejos e sentimentos.

b) Uma experiência de crise desta subjetividade, onde o indivíduo constata a ilusão de sua liberdade, acompanhada do declínio de crenças liberais e românticas, o que abre espaço para projetos de previsão e controle científicos.

As diferentes escolas de psicologia dividiram-se entre as que tentam reparatoriamente recompor a unidade do homem e as que aceitam/incorporam o processo de descentramento, conseqüente à desilusão, como intrínseco ao seu objeto.

O primeiro capítulo, "a desnatura humana ou o não no centro do universo", inicia-se com o texto de um poeta húngaro escrito durante a primeira guerra, impregnado de desespero diante da situação mundial, desorientado, enfrentando o caos resultante da perda das civilizações fechadas. A abertura para o mundo, comentada quatro séculos antes por Giovanni Pico Della Mirandola, apesar de oferecer um panorama mais otimista, evidencia a mesma preocupação que a do escritor húngaro: a descrença num mundo organizado, antropocêntrico. O homem que daí resulta nasce sem natureza certa, com possibilidade de escolha, preocupado com sua liberdade, seu destino e sua consciência, e está fundamentalmente fadado a construir sua identidade no contato com outros.

O propósito do autor, nos capítulos subseqüentes, é mostrar como as experiências subjetivas foram se constituindo historicamente, expondo as condições de possibilidade de elas se tornarem objetos de cogitação e conhecimento.

No segundo capítulo, "Uma santa católica na idade da polifonia", que rebatizaríamos de "Santa Teresa de Ávila, padroeira dos psicólogos", Figueiredo apresenta um ensaio sobre o século XVI, cuja finalidade é nos introduzir

num aspecto muito importante da vida quinhentista: a descoberta da alteridade intra e extra-europeias, e a conseqüente coexistência de línguas, modos e costumes diversos.

A variedade e o convívio com a diferença fazem do século em questão um período ao qual há simultaneamente ênfase na observação e liberdade imaginativa, ao mesmo tempo em que o novo e a diversidade levam à necessidade de critérios classificatórios e à valorização da memória com forma de registro, conservação e estabilização. Deste duplo movimento de abertura de espaços e da tentativa de circunscrevê-los é que surgem as experiências subjetivas modernas, que irão se transformar em objetos de saber.

O autor escolhe Santa Teresa de Ávila como representante de um modo de subjetivação característico da época: oriunda de uma família judaica convertida ao catolicismo, Teresa relata a primeira parte de sua vida tomada de dores, aflições e misérias de todo tipo, até que, como resultado de vários episódios místicos, ela se entrega a Deus. Para preservar suas visões e seus transe, enclausura-se na busca de liberdade e privacidade; e ali, longe da multiplicação de vozes externas, deixa-se ficar à mercê de sua própria voz interior; entrega-se à sua própria experiência, à auto-observação minuciosa, para daí extrair verdades universais que propaga aos seus semelhantes como forma de vida. Santa Teresa passa, portanto, de assujeitada a sujeito, resgatando do claustro um conhecimento singular e um sentido para sua própria existência, a partir da qual poderá se conectar com os demais. O seu afastamento do mundo a faz encontrar seu próprio centro. Assim sendo, poderia ser considerada a primeira "psicóloga" a elevar os dados de sua experiência imediata ao estatuto de paradigma de verdade.

Para continuar, é na figura de Dom Quixote de La Mancha que o autor busca inspiração para nos apresentar, no terceiro capí-

tulo, "Identidade e Esquecimento - Aspectos da Vida Civilizada", um modelo de subjetivação calcado no amaneiramento, pautado por uma imagem idealizada, forjado na imitação e na confirmação de relações especulares.

Ao contrário do século precedente (polifônico e variado), a literatura do século XVII apresenta sujeitos destituídos de conhecimento e paixão, despojados de desejos e movimentos instintivos. Nos domínios da ciências, da arte e da música fica de fora tudo que é impulsivo, irrepresentável, ambíguo: sobra a "verdadeira natureza humana" sob a forma de representações claras e distintas. No contexto social, criam-se dispositivos para aprisionar a desordem natural e o excesso de conflitos políticos, o que leva à formação de cortes e Estados Nacionais, que dão unidade cultural aos países. Versailles, com sua etiqueta e ritual, pode ser considerado o primeiro laboratório experimental da Europa.

Para retrazar as raízes da constituição da subjetividade moderna no século XVIII, em "A representação e seus avessos", quarto capítulo do livro, Figueiredo se propõe a compreender as relações entre o Iluminismo e o Romantismo. Diz ele: "... Tanto a articulação do ideário iluminista como a longa gestação do pensamento romântico são diferentes versões do mesmo processo de constituição da subjetividade moderna, através das lutas e acomodações entre a esfera pública e a privada".

A liberdade de consciência, a independência da razão e a autenticidade dos afetos vão revolucionar a teoria do conhecimento, a ética, a literatura, as artes e a música no século XVIII. Mas para que o psicológico possa se transformar em objeto de investigação é preciso algo mais: que a privacidade se torne suspeita, merecedora de controle e precaução.

No quinto capítulo, "A Gestação do Espaço Psicológico no século XIX: Liberalismo, Roman-

tismo e Regime Disciplinar", o autor nos mostra que a partir das relações trigonométricas de atração, repulsão e complementaridade deste espaço triangular, se cria uma área de "desconhecimento" na qual se instalarão as psicologias do século XX. No primeiro vértice do triângulo, o liberal, prevaleceria o espaço do individualismo, domínio do "eu", da separação entre o público e o privado, da racionalidade e da funcionalidade. Ao segundo vértice, o romântico, pertenceriam a espontaneidade, as identidades fluidas, o eu possuído por forças naturais. Finalmente, no último, o vértice disciplinar, situar-se-iam as tecnologias de poder, o princípio da razão calculadora, a manipulação. Apesar das diferentes psicologias poderem ser identificadas por sua distância ou proximidade de cada um dos três vértices, fica muito difícil para cada uma, a partir da ocupação deste mesmo lugar, reconhecer seu próprio território.

No último capítulo, o autor examina um personagem representativo deste "espaço de desconhecimento": o Duque Jean des Esseintes, cuja vida começa por uma desilusão. A partir dela, o personagem constrói sua identidade: excêntrico, recluso, isolado, programado, artificial, rebuscado, consegue evitar o tédio e perde sua identidade, colocando-se como exemplar extremo do modo de subjetivação gestado no centro do triângulo: subjetivação realizada à custa da exclusão.

O espaço do "psicológico" seria justamente o que abriga as forças alienadas do eu, numa construção realizada através de exclusão. Foram necessários cinco séculos de sonho para preparar o despertar do objeto da psicologia, e este talvez consista numa mera elaboração secundária, remodelação destinada a torná-la relativamente coerente.

A contribuição do livro de Figueiredo, para nós psicanalistas, é dupla: permite situar nossa ciência em relação ao triângulo como produto da articulação de discursos, saberes e ideologias

que constituem seu solo histórico. Ao mesmo tempo, ele torna possível tanto ao praticante da psicanálise como ao teórico discernir seu lugar neste espaço.

O interesse pelo texto se estende a uma crítica contundente à psicanálise, no final do livro. Apesar do autor referir-se a ela como um modelo de teorização e reconhecer uma disposição em lidar com forças conflitivas, diz ele:

"... escolher entre as psicologias hoje disponíveis é uma ato de pura arbitrariedade enquanto não compreendermos a proveniência de nossos objetos, enquanto não compreendermos a história do psicológico e portanto a pré-história da posição da própria Psicologia no século XX. Isto, creio eu, a psicanálise, também ela, não logra compreender, tendendo a naturalizar seus objetos e a desconhecer a conjuntura em que o psicológico se oferece como campo sui generis de saber e intervenção". (p. 168, grifos meus).

É de se lamentar que o autor não tenha desenvolvido sua crítica com maior especificidade na argumentação, explicitando por exemplo de que lugar ela é tecida, o que se entende por *naturalizar*, qual o objeto da psicanálise, e se toma por equivalentes os termos "a psicanálise" e "psicanálise freudiana". Apesar disto, considerando-se que o objeto da psicanálise é o inconsciente, é a partir de seus estudos sobre a histeria que Freud constata a impossibilidade de explicar a sintomatologia de suas pacientes quer através de um referencial fisiológico, quer através da psicologia da consciência. Como decorrência desta impossibilidade, construirá/descobrirá/inventará o novo objeto da nova ciência.

O inconsciente, mostrará ele ao longo de sua obra, é produto da ação do recalçamento, e é constituído relacionalmente no contato de um sujeito com outros significativos. A partir deste contato, da aquisição da linguagem e

da integração do sujeito no sistema de símbolos próprios de sua cultura, é que seu psiquismo se construirá, como estrutura forjada simultaneamente à sua própria história.

Para designar os conceitos que gravitam em torno da idéia de aparelho mental, assim como para descrever o inconsciente, Freud recorrerá sempre a uma linguagem figurada, a imagens e analogias, recursos estes que parecem apontar para duas características estruturais do inconsciente: os fatos de não ocupar um espaço topográfico, e de não ser apreensível em si, mas apenas pelos efeitos que produz.

Para falar das vicissitudes que regem seu funcionamento e de suas relações com a consciência, verifica-se o uso de alegorias e ficções sempre que o inconsciente se expressa na cena da vida mental, significando-se em suas manifestações, por exemplo nos sonhos, nos lapsos, nos sintomas.

A demonstração de sua eficácia enquanto instância psíquica é realizada, na obra freudiana, predominantemente através do uso de formas de linguagem que consistem e se fundamentam numa relação de semelhança entre o sentido próprio e o figurado.

Tudo isto nos leva a crer que o objeto da psicanálise freudiana é um objeto metafórico, um objeto que não é em si, mas um "como se...". A dificuldade desta psicanálise, portanto, inversamente ao que propõe Figueiredo, consistiria em lidar com objetos metafóricos e não naturais.

"Só se pode estudar aquilo que antes foi sonhado. A ciência se forma mais sobre um devaneio do que sobre uma experiência, e são necessárias várias experiências para apagar as brumas do sonho".

Mania S. Dewell

Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.